

MARCIA KUPSTAS

UM AMIGO
NO ESCURO



UM AMIGO
NO ESCURO

Um amigo no escuro

© Marcia Kupstas, 2016

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Edição Camila Saraiva

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

Arte

Soraia Pauli Scarpa (coord.)

Projeto gráfico Elisa von Randow

Lettering Diego Sanches

Ilustrações Diego Sanches

Editoração eletrônica Soraia Pauli Scarpa

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia da Silva Carvalho, Brenda Morais e Gabriela Lubascher Miragaia (estagiárias)

Iconografia

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens p. 80 e 81: acervo pessoal; demais fotos: Renato Parada

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Kupstas, Marcia

Um amigo no escuro / Marcia Kupstas ; [ilustrações Diego Sanches].

– São Paulo : Ática, 2016.

ISBN 978-85-08-17997-8

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Sanches, Diego. II. Título.

16-01772

CDD: 028.5

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Código da obra CL 739842

CAE 565561

2016

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2016

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura, e entardece os livros que você compra.



MARCIA KUPSTAS

UM AMIGO
NO ESCURO

Ilustrações de Diego Sanches

ESTÁ COM MEDO DE FICAR SOZINHO? Ansioso por contar o que fez no fim de semana? Curioso em saber o que os outros fizeram? Quer uma dica de passeio ou de restaurante?

A maioria dos jovens de hoje resolve facilmente essas dúvidas apelando para as redes sociais. Então, seja navegando, tuitando ou enviando mensagens instantâneas, há a ilusória sensação de compartilhamento, como se cada um pudesse comungar sua intimidade, pensamentos e alma, de um jeito rápido e tecnológico, com a humanidade inteira.

Será que isso é verdade? Será que resolvemos todos os problemas de relacionamento e solidão apenas com o uso do celular?

Tenho minhas dúvidas. Acredito que as redes sociais nos distraem e nos colocam mais facilmente em contato com pessoas cujas ideias e realizações assemelham-se a nosso perfil, mas o ser humano é gregário, gosta de companhia. Diante de um problema, a conversa franca com amigos de carne e osso traz mil vezes mais conforto do que a leitura da listagem de mil “amigos” nas redes sociais.

Mesmo que superficial, não se pode descartar que a modernidade traz a pluralidade desses contatos. Uma pessoa disposta a encontrar um confidente ou um amigo tem hoje mais chance do que antigamente.

Um amigo no escuro foi escrito numa época em que nem se imaginava a importância da comunicação via celulares. O velho telefone fixo era lento, caro, pouco acessível e, mesmo assim, pôde ser instrumento de uma narrativa em que o acaso facilitou o início de uma bela amizade.

O excesso de chuva trouxe um blecaute à cidade. Sem energia elétrica, Luciana, de treze anos, não sabe o que fazer com seu tempo. A família está irritada, a TV não

funciona, não há como esquentar comida no micro-ondas nem tomar banho quente. Então ela apela para a “roleta-russa de telefone”, discando um número ao acaso e puxando conversa com um estranho. Pelas magias do destino, do outro lado da linha está Miguel, de vinte e oito anos, que tem a sensibilidade de lhe dar atenção e carinho.

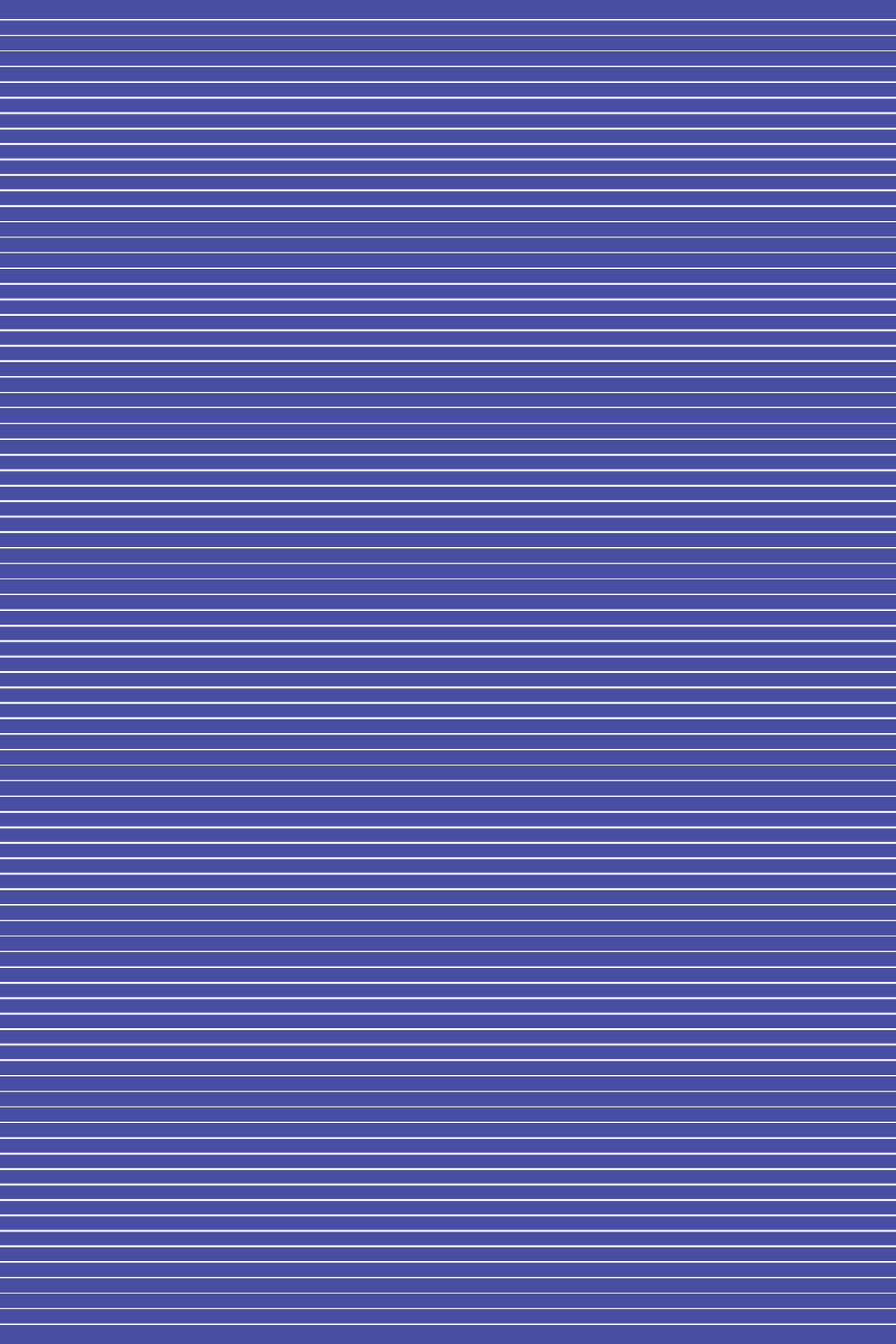
Escrevi *Um amigo no escuro* só com diálogos, registrando um bate-papo em que os protagonistas partem da curiosa leviandade (típica da maioria das conversas nas redes sociais de hoje) para uma sessão de “abrir a alma”, reveladora e intensa.

Um amigo no escuro virou ficção científica? A resposta é “pode ser”, quando levamos em conta os recursos tecnológicos atuais. Porém, o leitor que não se apegar ao anacronismo das chamadas telefônicas encontrará uma comovente sinceridade nas confidências de Luciana e Miguel. Certamente vai se surpreender com a revelação final, num desfecho que aposta na verdadeira amizade, mesmo que em momento inadequado e entre pessoas muito diferentes.

Um abraço,

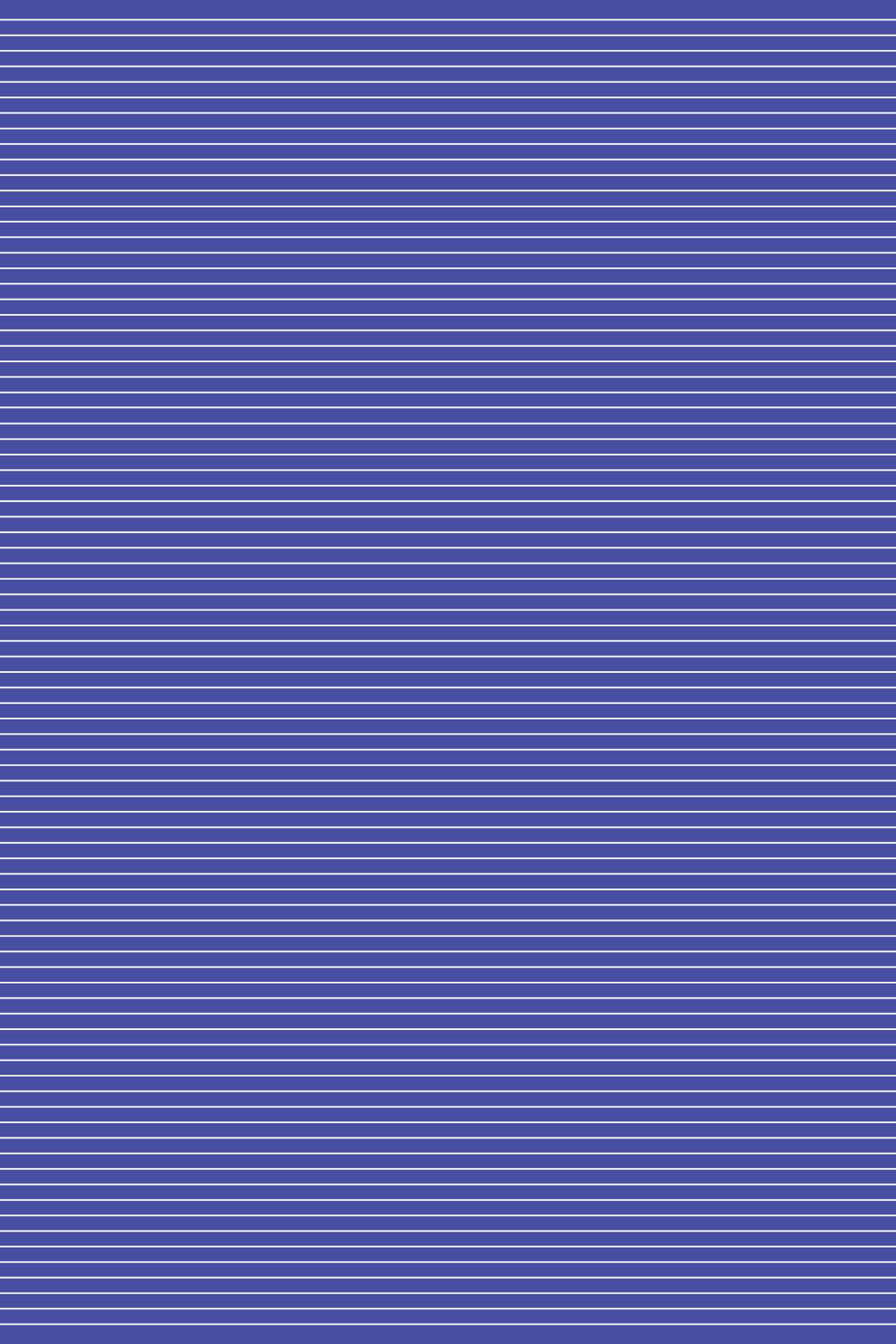
Marcia Kupstas





SUMÁRIO

1. Blecaute	11
2. O Índio do Colombo	25
3. O gosto do terror	34
4. Jogo limpo	43
5. O segredo	58
6. Tânia	67
Os sonhos de Marcia Kupstas	79



“A amizade é o melhor pretexto até hoje inventado para que o indivíduo pretenda tomar parte na felicidade do outro.”

MACHADO DE ASSIS

① BLECAUTE

— ALÔ?

— Você quer ser meu amigo? (*Pausa.*) Olha, sei que parece uma coisa meio maluca, ligar de noite e você também não sabe quem eu sou. Mas tô aqui sem fazer nada. E tá escuro, tá escuro à beça. A gente não pode ver tevê, nem revista, nem nada. Aí peguei o telefone e liguei. (*Pausa rápida.*) Meu nome é Luciana. Minha irmã já tá dormindo, ela dorme cedo, antes das nove, e a gente tem extensão aqui no quarto. É uma droga faltar luz, parece que metade da cidade está sem luz. Agora aqui parou de chover, porque, enquanto chovia, a peste da Nininha só chorava. E aí eu fiquei com uma vontade de conversar, falar com alguém, e eu fui pensando nos números, em números bonitos, que me dão sorte, fui me concentrando e discando e deu o seu... Você quer ser meu amigo?

— Eu não estou entendendo. Você me conhece?

— Não, claro que não! (*Riso nervoso.*) Acho que você não entendeu ainda, não é? Só liguei pra bater papo. Hoje foi um dia tão louco, choveu tanto e aí faltou luz...

— Então você discou ao acaso. Para encontrar um amigo? Lu...

— Luciana. Meu nome é Luciana.

— Quantos anos você tem, Luciana?

— Eu tenho de dizer? (Pausa, riso nervoso.) Só se você disser também.

— Calma, eu não quero criar caso com você, não precisa falar. Só achei que você é novinha. Acertei?

— Talvez.

— E quer um amigo... Mas você não tem amigos, Luciana? Você fala tão bem, parece ser tão desembaraçada.

— Fala a verdade, eu pareço uma papagaia, falo pra burro. Minha mãe é que não aguenta, vive dizendo que fui vacinada com agulha de vitrola. (Risos do outro lado da linha. Luciana fala mais e mais depressa.) Mas sou faladeira mesmo. Sabe, até que eu gosto. Pior é aquele tipo de gente que parece coruja, arregala o olho e fica caladão. Credo! Acho que eu morreria se tivesse de passar um dia inteiro quieta, caladona.

— Luciana, Luciana, você pode ser faladeira e isso pode ser muito bom. Divertido. Mas eu fiz uma pergunta.

— Sobre o quê? Amigos?

— Hum-hum.

(Pausa. Luciana dá uma tossidinha, suspira, ganha tempo.)



— Eu tenho amigos, claro. A Deise, a Luísa, a Clarita... Eu até tava falando com a Clarita no telefone quando começou a chover. Escuta, posso contar uma coisa? Assim, quase um segredo? Você jura que continua falando comigo depois?

— Juro.

— Jura mesmo, de verdade?

— Claro. De verdade.